



**POR LAIRTON LEONARDI,**  
PRESIDENTE DA ABTCP  
✉: LAIRTON.LEONARDI@MINERALSTECH.COM

## ESCREVENDO NOSSO FUTURO SOBRE O PAPEL

“Não podemos pensar em inovação e futuro do papel no Brasil como processos naturais desse desenvolvimento se ainda temos alguns segmentos de nossa sociedade que pensam que o papel é algo nocivo por ser fabricado a partir de florestas naturais”

**A** longevidade talvez seja um dos conceitos mais próximos da definição de sustentabilidade. Sobreviver através dos tempos exige inovação, entre outras ações. Nada atravessa os tempos sem alguma mudança ao longo do caminho, sem uma transformação ou renovação que seja.

O processo de produção do nosso papel é exemplo disso. Há milênios foi inventado em sua forma mais artesanal na China e hoje já existe no formato digital: o *e-paper*. Grande parte das utilidades do papel foi preservada, mas a matéria-prima para fabricá-lo e a forma de produzi-lo mudaram radicalmente!

Historicamente, o processo de produção contínua do papel foi estabelecido no final do século XVIII na França. Desde então, seu desenvolvimento, tanto em processos quanto em aplicações, tem sido importante para nossa sociedade.

Agora, no século XXI, após tantas inovações e melhorias do papel, cabe a nós pensar e definir o futuro desse importante produto, para preservar sua sustentabilidade. O que acontecerá em nosso país nos próximos anos? Como o papel estará inserido no desenvolvimento social? Essas são apenas algumas das questões sobre o futuro do nosso papel.

Não podemos pensar em inovação e futuro do papel no Brasil como processos naturais desse desenvolvimento se ainda temos alguns segmentos de nossa sociedade que pensam que o papel é algo nocivo por ser fabricado a partir de florestas naturais. O desconhecimento gera o preconceito tão temido.

Por isso, é fundamental iniciarmos um trabalho educacional em escolas e em diversos segmentos da sociedade, explicando e mostrando como o papel é produzido e qual a sua importância na vida de todos nós, como, por exemplo, o fato de ser o meio de transmissão do conhecimento.

Nesse aspecto, o papel para imprimir e escrever dá uma grande contribuição – e assim continuará, pois só superaremos o déficit educacional do Brasil com uma efetiva distribuição de livros didáticos e cadernos, artigos fundamentais para a consecução dos objetivos

educativos do País. O acesso aos *tablets*, recentemente lançados no Brasil, será para a minoria em curto prazo. O papel permanecerá como o principal meio da transmissão do conhecimento na maior parte das escolas.

O Brasil vem crescendo socialmente, ou seja, nossa população tem acesso a produtos e bens que não eram possíveis há algum tempo. Os programas econômicos do governo que permitiram a muitas famílias sair da condição de miséria em que viviam abriram espaço para o setor de papéis tissue colocarem produtos de maior valor agregado no mercado para consumo desse público.

Da mesma forma, cresceu o espaço para o aumento da produção do papel de embalagem para alimentos, entre outros itens, pelo aquecimento econômico e o maior acesso ao consumo de produtos, como alimentos congelados, pela população brasileira.

Também não podemos nos definir como inovadores do setor papelero, pensando apenas em utilidade do papel. É preciso fundamentalmente pensar e realizar inovações na forma como o nosso papel será produzido nos próximos anos, pensar em modelos produtivos mais competitivos.

Esses modelos, caracterizados pela integração da cadeia de celulose e papel a partir de *clusters* de produção altamente eficientes, contribuirão efetivamente para um melhor posicionamento de nossa indústria sob o ponto de vista econômico. Isso tudo sem contar os ganhos desse formato em termos ambientais e energéticos, inclusive com ganhos em redução de emissões de carbono, o que corrobora a meta do governo do Estado de São Paulo, como apresentado em nossa seção Entrevista da *O Papel* deste mês.

Diante da realidade e das perspectivas do nosso papel no País, podemos dizer que certamente embalagem e tissue – e ainda os papéis de imprimir e escrever – terão um desenvolvimento importante nos próximos 20 anos. Então, há pelo menos todo esse tempo para pensar sobre como escreveremos o futuro do nosso papel depois disso.

Um bom começo podem ser os derivados de nossas florestas, os biomateriais, que serão desenvolvidos e empregados no futuro para a produção da celulose e papel – desde os biopolímeros, capazes de substituir

os filmes e materiais termoplásticos empregados atualmente como barreiras, até os nanomateriais, com destaque para a nanocelulose, com uma diversidade enorme de aplicações no processo.

Tal variedade de matérias-primas irá proporcionar papéis com um rendimento de impressão melhor; o desenvolvimento dos *smart papers*, nos quais as embalagens feitas de papelcartão proporcionarão ao comprador inúmeras informações a respeito do produto. Isso através da impressão de *chips* que contêm essas informações.

Teremos ainda as embalagens com papel de menor gramatura e alta proteção aos produtos embalados; derivados lignocelulósicos que serão empregados na manufatura de células voltaicas, eletrodos de baterias, entre outros, proporcionando também o desenvolvimento de tintas de impressão flexográficas e jato de tinta com propriedades condutivas.

Dessa forma, conseguiremos antecipar o futuro, que hoje nos parece tão inatingível. Na verdade, o futuro está mais perto do que pensamos. Por isso, será sábio nos aproximarmos dos centros de pesquisas mundiais que já estão trabalhando na criação de muitos desses produtos ainda inconcebíveis em nosso mercado.

O Brasil, com seu potencial florestal, deve se engajar no desenvolvimento dessas e de outras inovações, pois assim estará na posição de aliado imbatível no campo da competitividade florestal, agregando valor aos produtos, além da fibra e do uso da madeira como combustível.

Para tanto, teremos de ousar e agir com coragem para enxergar certas verdades; ousar para imaginar e criar o futuro desejado para o nosso setor. Logo, temos de observar a formação de nossos profissionais como parte da construção desta base futura de nossas empresas. A inovação cabe como recado para nós mesmos em nossas carreiras profissionais.

Neste momento, a ABTCP convida todos os interessados, empresas e universidades, a caminhar juntos rumo a esse futuro almejado, em uma trajetória que inclui participação em nossas Comissões Técnicas e de RH, a fim de idealizarmos um modelo de formação profissional para o nosso setor – principalmente para pensarmos sobre como atrair o conhecimento mundial sobre novos produtos derivados celulósicos, desde papéis até matérias-primas para desenvolvê-los em nosso próprio país. Esperamos por todos vocês! ■

“É preciso fundamentalmente pensar e realizar inovações na forma como o nosso papel será produzido nos próximos anos, pensar em modelos produtivos mais competitivos”



# 18º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CALDEIRAS DE RECUPERAÇÃO

15 a 17 agosto 2011  
Fray Bentos - Uruguay

Nos últimos tempos a área de recuperação e utilidade das empresas de celulose e papel venceu desafios e criou alternativas próprias para elevar o nível de segurança dos profissionais especializados na operação de caldeiras de recuperação. Agora, chegou a vez de mostrar as inovações do processo e compartilhar conhecimento entre os operadores e fornecedores do setor.

O congresso colocará em discussão, sob o ponto de vista mundial, assuntos importantes da gestão do processo de recuperação e utilidade, desde os procedimentos ambientais mais atualizados, passando por toda a cadeia de produção, manutenção corretiva e preventiva, com destaque para as mais relevantes experiências das indústrias de celulose e papel.

Associado pessoa física R\$ 550,00  
15 dias antes do evento R\$ 500,00

Associado pessoa jurídica R\$ 700,00  
15 dias antes do evento R\$ 650,00

Não associado R\$ 850,00  
15 dias antes do evento R\$ 800,00

PARA MAIS INFORMAÇÕES:  
eventostecnicos@abtcp.org.br  
11.3874.2709

Realização: Co-realização: Patrocínio:

